

O VIGIA DE PEDRA: O teor testemunhal na poesia de Héríb Campos Cervera

THE STONE WATCHER: The testimonial content in the poetry of Héríb Campos Cervera

Sabryna Thais Silva Nogueira¹

RESUMO: A literatura de testemunho/*testimonio* surge na América Latina nos anos 60 buscando reconstruir uma identidade nacional, dando voz às diversas vozes excluídas e silenciadas pelos projetos coloniais impostos pelo discurso hegemônico vigente. Nesse sentido, a obra do poeta paraguaio Héríb Campos Cervera aparece como um grande exemplo de literatura de *testimonio*, pois sua vida, suas lutas e seus exílios estão retratados em sua poesia; bem como o seu grande desejo de dar voz aos seus compatriotas que sofriam pela limitação de suas liberdades. Assim, buscamos apresentar neste artigo o forte teor testemunhal da obra de Cervera à luz da literatura de *testimonio*. Para esta análise, escolhemos dois poemas: *Hachero* e *Un Puñado de Tierra*.

Palavras-chave: testemunho. *testimonio*. poesia. Héríb Campos Cervera

ABSTRACT: The testimonial/*testimonio* literature appeared in Latin America in the 60s seeking to rebuild a national identity, giving voice to the diverse voices excluded and silenced by the colonial projects imposed by the prevailing hegemonic discourse. In this sense, the work of the Paraguayan poet Héríb Campos Cervera appears as a great example of testimonial literature, because his life, his struggles and his exiles are portrayed in his poetry; as well as his great desire to give voice to his compatriots who suffered for the limitation of their freedoms. Thus, we seek to present in this article the strong testimonial content of Cervera's work in the light of the testimonial literature. For this analysis, we chose two poems: *Hachero* and *Un Puñado de Tierra*.

Keywords: testimony. *testimonio*. poetry. Héríb Campos Cervera

INTRODUÇÃO

“Y aquí estaré por siglos – como un vigía de piedra –,
gastando las aldabas de las puertas del día,
hasta que una Bandera de olivos y palomas
se yerga entre las manos de los muertos vengados.”

Testimonio, Héríb Campos Cervera

O poeta paraguaio Héríb Campos Cervera termina um dos seus poemas mais conhecidos, *Testimonio*, colocando-se como o vigia de pedra, aquele que pelos séculos – por

¹ Mestranda em Estudos Literários pela UFG e graduada em Letras (português/inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. E-mail: sabryna.motivo@hotmail.com

meio de sua poesia – dará voz aos que foram privados dela. Foi assim, inflamado pelo desejo de justiça, que viveu e escreveu inumeráveis poemas de denúncia contra as injustiças sociais de sua época em um Paraguai repleto de problemas e com um povo desejoso de confirmar sua própria identidade.

Cervera foi um homem de muitos amores; amou a poesia, a filosofia, as artes e seu povo. Porém uma coisa odiava com todo o coração: o fanatismo. Sobre isso o escritor e grande amigo de Cervera, Roa Bastos, afirma:

Combatia Campos Cervera qualquer fanatismo, já no terreno político, no nacional ou no modo de conceber o Universo e a vida, a poesia e a literatura toda, como perturbador nato e jurado de toda compreensão; odiava a todos os obstinados e monoideístas, quer aparecessem em hábitos sacerdotais ou com togas acadêmicas, aos que usavam antolhos no pensamento e aos fanáticos de toda a espécie e raça, que em toda parte exigem uma obediência de cadáver para suas próprias opiniões e a toda outra concepção chamar depreciativamente heresia ou briboneria.² (ROCHE, 2008 p. 20).

Era um homem de espírito livre e por isso mesmo queria levar essa liberdade para todos ao seu redor e além; pois para o poeta quase todos os problemas entre homens e povos poderiam ser resolvidos se esses fizessem uso da razão e da verdadeira liberdade humana, evitando assim a violência como solução para todos os conflitos. Em sua obra é possível enxergar um Paraguai e também uma América Latina apresentada por um homem que viveu e testemunhou uma época marcada pela busca da identidade nacional e individual. Portanto, há em sua poesia grandes marcas de uma literatura de testemunho / *testimonio*.

A literatura de *testimonio* surge na América Latina de fala espanhola dos anos de 1960; mais especificamente na América Central, com Nicarágua e Guatemala e no Caribe, com Cuba. Em suas gênesis, essa literatura fazia parte de um programa político que buscava reconstruir uma identidade nacional que desse voz aos silenciados pelos projetos modernizadores e coloniais. O Professor John Beverley definiu o *testimonio* como absolutamente necessário e dirigido “não simplesmente para a memorização do passado, mas a construção futura de uma nação mais heterogênea, democrática e igualitária” (BEVERLEY, ACHÚGAR, 2002, p. 16).

² “Combatía Campos Cervera cualquier fanatismo, ya en el terreno político, en el nacional o en el modo de concebir el Universo y la vida, la poesía y la literatura toda, como perturbador nato y jurado de toda comprensión; odiaba a todos los obstinados y monoideístas, ya aparecieran en hábitos sacerdotales o con togas académicas, a los que llevaban anteojeras en el pensamiento y a los fanáticos de toda clase y raza, que en todas partes exigen una obediencia de cadáver para sus propias opiniones y a toda otra concepción de llamar despectivamente herejía o bribonería”. – Tradução minha.

Assim, a literatura de *testimonio* aparece como um esforço em contar a história pelo ponto de vista daqueles que não faziam parte da classe hegemônica, mas que ainda assim a vivenciaram completamente. Cervera foi uma dessas pessoas. E ele não apenas viveu, como também testemunhou e lutou para que por meio de sua poesia fosse dada voz ao outro, ignorado.

Analisaremos dois poemas de Cervera que mostram o caráter social de sua poesia e também a relação de dor causada pelo exílio. E assim, portanto, identificaremos como esses poemas refletem o teor testemunhal da obra do paraguaio. O primeiro chama-se *Hachero*, onde nos é apresentada a história do lenhador Benigno Rojas e por meio dele a sina de tantos outros homens que sofriam pela pobreza e a falta de opções de trabalho. O segundo poema chama-se *Un puñado de tierra*, onde o poeta – exilado em Buenos Aires após ter participado de um protesto contra o Governo em Assunção – apresenta sua relação com a pátria. Porém, para entendermos melhor os poemas supracitados é necessário uma breve biografia do nosso poeta, dado que foram os acontecimentos de sua vida junto aos episódios da história do Paraguai que resultaram nos textos que iremos analisar.

O POETA MALDITO

Sabe-se muito pouco sobre a vida de Hérrib Campos Cervera, mas do pouco que chegou até nós conseguimos compreender a grandeza do homem e poeta. Filho de pais espanhóis, Hérrib Campos Cervera – também poeta – e Alicia Díaz Pérez – irmã do grande intelectual Viriato Díaz Pérez –, Cervera nasceu no dia 30 de março de 1905 em Assunção no Paraguai. Sua infância e juventude longe dos seus pais parece tê-lo marcado profundamente e em sua poesia reverbera as lembranças dos anos em que passou interno no *Colegio San José*, de modo que o poeta lembra dessa experiência como uma prisão.

Desde muito jovem dedicou-se à poesia, sendo um dos primeiros a buscar a valorização poética em seu país. Também foi um grande estudioso de filosofia, matemática e crítica literária. Engenheiro, agrimensor, jornalista e redator, atuou nas selvas paraguaias de Caaguazú e do Chaco, onde extraiu desses locais muita experiência para a composição de seus poemas. Cervera veio de uma família rica, mas decidiu abandonar o conforto e privilégios para viver junto às minorias sociais de Assunção e por isso passou por sérias dificuldades financeiras para sobreviver.

Hérrib Campos Cervera ficou conhecido entre seus amigos, estudiosos e críticos da poesia paraguaia como o poeta maldito. Ele era maldito não no sentido de existir maldade

nele, mas sim, como disse Asunción Flores – amigo e companheiro de luta política de Cervera:

Hérib tinha marcada a desgraça na testa. Não era um desgraçado, no melhor sentido da palavra, mas estava "desgraçado" pela vida. Apesar de ser um tipo de sucesso, "boa pinta", querido, tudo o que tocava se convertia – depois – em folhas secas, mortas. Durava para ele muito pouco a felicidade. Não era um "caipora", alguém que é mufa e queima os que estão ao seu redor. Ele se queimava sozinho. Sozinho sua alma ia à fogueira. [...]Dava a sensação que estava possuído por um poder demoníaco que fazia com que as coisas belas durassem muito pouco. Acredito que algo do demônio – para aqueles que creem no além e nos gênios do mal – o travava. Uma força estranha, chamada genes, marca de nascença, herança dos pais, aprisionava-o. No entanto, sem dúvida, era uma pessoa muito boa.³ (ROCHE, 2008 p. 09).

Apesar desse apelido Cervera foi um grande poeta social, combateu todo e qualquer radicalismo tornando-se um antagonista do poder político local. E por conta das suas ideias foi exilado duas vezes.

Em 23 de outubro de 1931 foi exilado por ter participado de protestos em Assunção que exigiam a defesa do território nacional. Viveu durante algum tempo em Buenos Aires, onde conviveu com figuras importantes do cenário cultural da época como Francisco Romero, Amado Alonso, Raimundo Lida e outros. Então passou a residir em Montevideo onde conviveu com outros exilados paraguaios como Anselmo Jover Peralta. Ao regressar para o Paraguai, no fim do ano de 1935, continuou sua militância política com pautas de esquerda e alguns afirmam que se filiou ao Partido Comunista. No tempo que passou em Montevideo conheceu o poeta espanhol Federico García Lorca, que muito o influenciou na poesia e nas reflexões. Desse exílio datam os romances *Hombres de la selva* e *Romancero del destierro*, que se perderam no tempo.

Com suas novas ideias sobre a literatura e a experiência que teve durante esse tempo, Cervera tornou-se – junto à Josefina Plá – figura central de um movimento que ficou conhecido na historiografia literária do Paraguai como o grupo de 40. Esse grupo de escritores entendia que o momento complicado pelo qual o país passava exigia uma literatura comprometida com causas políticas e sociais, deixando em segundo plano o aspecto estético que apesar do seu valor não deveria ser o combustível de suas produções naquele momento.

³ “Hérib tenía marcada la desgracia en la frente. No era un desgraciado, en el mejor sentido de la palabra, sino que estaba "desgraciado" por la vida. A pesar de ser un tipo exitoso, pintón, querido, todo lo que tocaba se convertía – después – en hojas secas, muertas. Le duraba muy poco la felicidad. No era un "yetatore", alguien que es mufa y quema a los que están a su alrededor. Se quemaba él solo. Solito su alma iba a la hoguera. [...]Daba la sensación que estaba poseído por un poder demoníaco que hacía que las cosas bellas le duraran muy poco. Yo creo que algo del demônio – para aquellos que creen en el más allá y en los genios del mal – lo trababa. Una fuerza extraña, llámese genes, marca de nacimiento, herencia de los padres, lo aprisionaba. Sin embargo, sin ninguna duda, era una buenísima persona.” – Tradução minha.

Porém, em 1940 o poder político paraguaio passou ao comando do General Morínigo que ficou no poder até 1948 e em 1947 um setor do exército começou uma rebelião com o apoio de partidos políticos democráticos que acabaram derrotados. E Cervera é exilado pela segunda vez por suas opiniões contrárias ao governo, onde permaneceu até a sua morte em Buenos Aires. Foi neste último período de sua vida que o poeta se dedicou a fazer poesias ligadas à sua pátria e durante esse tempo publica seu único livro de poemas, *Ceniza Redimida*.

O poeta morreu em 28 de agosto de 1953 deixando para sempre sua marca na poesia paraguaia. E apesar de ter morrido longe da pátria Cervera nunca esteve separado dela, pois como veremos mais adiante a ligação com sua terra transcendia os limites territoriais.

HACHERO

“Em memória dos Filhos da Selva que agonizam e morrem em silêncio no vasto império do Quebracho.”⁴ Assim começa o poema *Hachero*, retrato de um período conturbado e triste na história do Paraguai que teve seu auge na tragédia de Puerto Pinasco.

Em 15 de julho de 1927, em Puerto Pinasco, ocorreu um protesto dos trabalhadores ligados à empresa norte-americana *International Products Corporation* (IPC). Esse protesto foi liderado pelos lenhadores – os *hacheros* – que reivindicavam melhores condições de trabalho e redução da jornada para oito horas, e não doze como a empresa exigia. Nesse protesto, em torno de vinte pessoas foram mortas, mas não se sabe ao certo o número de vítimas pois o caso foi abafado pelos que tinham algum interesse econômico e político na não divulgação do fato. Devido à grande distância e à comunicação precária entre o interior do país e sua capital, passam-se ainda alguns dias para que chegue em Assunção notícias sobre o massacre em Puerto Pinasco. E quatro dias depois, no dia 19 de julho, aconteceu um grande protesto contra a repressão sindical do governo de Eligio Ayala, do qual Hérrib Campos Cervera participou e fez um discurso.

Os *hacheros* eram os mais explorados pela empresa pois recebiam por produtividade e por meio de terceiros, com muitos atrasos nos pagamentos. No poema *Hachero*, Cervera conta a história do Benigno Rochas, “Filho e neto de lenhadores e lenhador ele mesmo.”⁵ Esse oprimido que, como veremos, também figura como opressor.

⁴ “En memoria de los Hijos de la selva que agonizan y mueren en silencio en el vasto imperio del Quebracho.” (CERVERA, 2006, p.115) – Tradução minha

⁵ “hijo y nieto de hacheros y hachero él mismo.” (CERVERA, 2006, p.115) – Tradução minha

Na primeira parte do poema, o poeta nos apresenta esse personagem que recebe por herança uma carga de trabalho realizado em más condições e uma vida de pobreza, descrevendo assim o personagem Benigno Rochas:

El instinto certero de vientos y de lluvias
le da esa taciturna sabiduría de anciano
y aunque apenas levanta dos décadas de vida,
sus experiencias llevan una herencia de siglos.⁶
(CERVERA, 2006, p.115).

Cervera, nessa primeira parte, traça um perfil do *hachero* que era explorado, vivia na pobreza e que “selado de miséria, usa um chapéu quebrado/para cobrir o rude tumulto de seu cabelo.”⁷. Aqui encontramos o caráter testemunhal – ou de *testimonio* – da poesia de Cervera que, na América Latina, segundo Márcio Seligman-Silva, tem como ponto de partida as “experiências históricas da ditadura, da exploração econômica, da repressão às minorias étnicas e às mulheres.” (2005, p.86). A exploração dos *hacheros* por esses homens poderosos é denunciada no poema de Cervera como forma de apresentar uma situação até então ignorada.

A segunda parte do poema apresenta-nos a selva como personagem oprimida pelo próprio *hachero*, que a faz sofrer por seus atos automáticos e até inconscientes; já que ele não percebe que o sofrimento dela é também causa do seu próprio:

Luego vendrán, en lenta sucesión de torturas:
el corte de los brazos – la dulce cabellera
que en amistad de pájaros vivió quinientos años –,
y la final injuria de ser oreado al viento
su corazón sangrante, lampiño y desolado.⁸
(CERVERA, 2006, p. 116).

A selva é personificada como a mãe gentil, doadora e protetora da existência, mas que é subjugada pelo *Hachero* que destrói e explora seu meio e que desta forma destrói a si próprio. Cervera apresenta um ciclo de destruição onde o *Hachero* encontra-se no centro, sofrendo e causando o mal.

⁶ “O instinto certo dos ventos e das chuvas/lhe dá essa taciturna sabedoria de velho/E apesar de ele ter apenas duas décadas de vida,/Suas experiências levam uma herança de séculos.” – Tradução minha.

⁷ “Sellado de miseria, lleva un sombrero roto/ para cubrir el rudo tumulto de su pelo” (CERVERA, 2006, p.115) – Tradução minha

⁸ Logo virão, em lenta sucessão de torturas:/o corte dos braços – a doce cabeleira/que em amizade de pássaros viveu quinhentos anos –,/e a final injuria de ser oreado ao vento/seu coração sangrando, sem pêlos e desolado.” – Tradução minha.

Na terceira parte do poema vemos aqueles que são, de fato, os verdadeiros opressores: *los hombres duros*. São esses homens que aproveitam da miséria, da falta de alternativas de trabalho dos *hacheros* e fazem com que eles além de trabalharem por pouco, em condições precárias, ainda acabem com a natureza que tanto tem a lhes dar. E esses homens “Abrem, no fim, a porta blindada e com suas garras/de pássaros noturnos – como quem dá a vida –, / pagam ao filho diurno da Selva.”⁹

Cervera, que tanto prezava pela liberdade de espírito, mostra em sua poesia uma situação onde essa liberdade é quase inexistente. O ciclo de vida dos *hacheros* representa uma imposição onde não há liberdade e decisão, pois o contexto não abre essas possibilidades. O poeta apresenta o tempo como cíclico e imutável, onde o homem vive apenas um “caminhar para a morte”. A crítica do poema baseia-se na filosofia existencialista e, de fato, nenhum dos personagens – nem “os homens duros” – escapam desse fim, de modo que sobrevive apenas o sistema político que aliena as existências. Os homens que assim como Sísifo estariam condenados a uma vida de sofrimento imposta por outros.

O poema termina com a morte de Benigno Rochas, um final duro “como é duro o ofício” do *hachero*. Uma vida de exploração e padecimento, que acaba sem que ao menos ele tenha tido consciência de sua existência:

Vieja ley de cuchillos lo llamó por su nombre,
sin darle tiempo alguno para mirar el ceño
del que lo ató a la tierra del canto y del gusano.
Un eco, casi helado, de relinchos de potros
le fatigó un instante los tímpanos dormidos
y un silencio de tiempo sin voz le fue cayendo
sobre el cristal velado de los ojos.¹⁰
(CERVERA, 2006, p. 117).

Cervera assim assume o papel de porta voz dos *hacheros*, colocando-se como aquele a qual Valéria Marco chama de “letrado”. Diz a autora:

O letrado teria a função de recolher a voz do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à “história oficial”, isto é, à versão hegemônica da História. O letrado – editor/organizador do texto – é solidário e deve reproduzir fielmente o discurso do outro; este se legitima por ser representativo de uma classe, uma comunidade ou um segmento social amplo e oprimido. (2004, p. 46).

⁹ “Abren, alfin, la puerta blindada y consus garras/de pájaros nocturnos – como quien da la vida –, /su paga dan al hijo diurno de la Selva.” (CERVERA, 2006, p. 116). – Tradução minha

¹⁰ “Velha lei de facas o chamou pelo nome,/sem dar-lhe tempo algum para olhar para a testa/do que o amarrou à terra do canto e do verme./Um eco, quase gelado, de relinchos de potros/lhe fatigou um instante os tímpanos dormidos/e um silêncio de tempo sem voz lhe foi caindo/sobre o vidro velado dos olhos.” – Tradução minha.

E assim, por meio do personagem Benigno Rochas, Cervera dá voz a centenas de homens que assim como o *hachero* do poema terminam seus dias esquecidos e ignorados por todo um sistema político e social.

UN PUÑADO DE TIERRA

No ano de 1940 o presidente Estigarribia morreu e foi sucedido pelo general Morínigo, que era simpatizante do autoritarismo nacionalista que imperava na Europa, que permaneceu no poder até 1948. Entre março e agosto de 1947 o Paraguai viveu uma guerra civil, também conhecida como Revolução dos Pynandí. Pelas opiniões contrárias ao Governo, Cervera foi exilado pela segunda vez ficando em Buenos Aires até sua morte.

Foi durante esse período de exílio que o poeta escreveu e publicou o seu livro *Cenizas Redimidas*. Essa situação serviu como fertilizante para a inspiração do poeta e dessa época surge uma obra repleta de dor pela incompletude da vida, ausência e crueldade da Fortuna; onde só a literatura tinha o poder de reunir, curar e de expressar uma vida que não podia ser vivida completamente. A falta, o dualismo entre a saudade de sua terra e dor que ela o causou estão presentes no poema *Un puñado de tierra*:

Quise de Ti tu noche de azahares;
quise tu meridiano caliente y forestal;
quise los alimentos minerales que pueblan
los duros litorales de tu cuerpo enterrado,
y quise la madera de tu pecho.
Eso quise de Ti
(-Patria de mi alegría y de mi duelo;)
eso quise de Ti.¹¹
(CERVERA, 2006, p.11)

O eu lírico sente o peso do exílio e diz que está “nu e desolado”. Esse era também o sentimento de Campos Cervera que vivia seu segundo exílio, desta vez mais maduro, com mais consciência e por isso mais sofrimento. O poema tem destinatário – o Paraguai – e a ele o poeta se refere durante todo os versos, algumas vezes com saudade e outras com tristeza:

No tengo ya el remoto jazmín de tus estrellas,
ni el asedio nocturno de tus selvas.

¹¹ “Quis de Ti a tua noite de azares;/Eu quis o teu meridiano quente e florestal;/Quis os alimentos minerais que povoam/ os duros litorais do teu corpo enterrado, e quis a madeira do teu peito./ Isso quis de Ti (-Pátria de minha alegria e de meu duelo;)/ isso quis de Ti.” – Tradução minha.

Nada: ni tus días de guitarra y cuchillos,
ni la desmemoriada claridad de tu cielo.¹²
(CERVERA, 2006, p.11).

Cervera, como dissemos, viveu uma vida voltada às causas sociais e engajado em movimentos políticos, o que o tornou alvo de perseguições. A sua poesia torna-se, portanto, um lugar privilegiado para expressão e podemos perceber uma característica forte da literatura de *testimonio* a partir da experiência do exílio, pois o poeta é afastado de sua pátria por colocar-se contra um Governo que reprimia a liberdade de sua gente, oprimindo-as de várias formas. Essa é uma marca da literatura de *testimonio* e sobre isso Seligman-Silva diz que “Dentro de uma perspectiva de luta de classes, assume-se esse gênero como o mais apto para ‘representar os esforços revolucionários’ dos oprimidos, como afirmou Alfredo Alzugarat” (2005, p.89). Cervera é, pois, nesse contexto o oprimido que busca representar por meio de sua poesia seus esforços pela liberdade sua e de seu povo.

Ainda em *Um puñado de tierra*, o poeta busca mostrar como a separação de sua pátria o machuca, quando escreve: "Estás em mim: caminhas com os meus passos,/ falas pela minha garganta; ergue-te em meu cal/e morres, quando morro, cada noite.¹³" Como um profeta, nesses versos, Cervera parece anunciar sua morte.

No final do poema nos é apresentado uma serenidade entre o poeta e sua pátria, mesmo com todo o trauma e violência vividos; pois existe uma ligação muito maior entre ambos que transcende as tribulações momentâneas. E assim termina o poema:

Estoy en paz contigo;
ni los cuervos ni el odio
me pueden cercenar de tu cintura:
yo sé que estoy llevando tu Raíz y tu Suma
sobre la Cordillera de mis hombros.

Un puñado de tierra:
Eso quise de Ti
y eso tengo de Ti.¹⁴

¹² “Já não tenho o remoto jasmim de suas estrelas, nem o assédio noturno de suas selvas.

Nada: nem seus dias de guitarra e facas, nem a desmemoriada claridade de seu céu.” – Tradução minha.

¹³ “Estás em mí: caminas com mis pasos,/ hablas por mi garganta; te yergues em mi cal/ y mueres, cuando muero, cada noche.” (CERVERA, 2006, p.11) – Tradução minha.

¹⁴ “Estou em paz contigo;/nem os corvos nem o ódio/Podem me cortar da sua cintura:/eu sei que estou/levando sua Raiz e sua Soma/sobre a Cordilheira dos meus ombros.

Um punhado de terra:/É o que eu queria de você/E é isso que tenho de ti.” (CERVERA, 2006, p.11) – Tradução minha.

CONCLUSÃO

Ao longo do presente trabalho buscamos apresentar as marcas testemunhais da poesia de Hérib Campos Cervera à luz da literatura de *testimonio* surgida na América Latina nos anos 60, que visava dar voz aos excluídos que sofriam pela perda das suas identidades pela imposição da cultura hegemônica vigente. Vimos que durante sua vida Cervera lutou para que o povo paraguaio pudesse construir sua identidade e por isso foi perseguido e exilado. Conhecido como o poeta maldito, Cervera foi fiel durante toda a sua vida ao que acreditava, deixando até o conforto de sua família abastada para juntar-se aos mais pobres e assim entender suas necessidades reais.

Por meio da análise do poema *Hachero* vimos retratado o drama vivido pelos *hacheros*: a dureza do trabalho, condições precárias de serviço, o peso de uma vida que lhes foi dada já no nascimento e que apesar de oprimidos também se colocam na figura de opressor da selva. Porém, no fim das contas, ambos sofrem as ações de homens duros, que os enxergam apenas como meios para alcançarem seus fins lucrativos. E assim, nesse poema, Cervera denuncia a exploração econômica das grandes empresas estrangeiras que lucravam com a pobreza do povo paraguaio.

Já em *Un puñado de tierra* o trauma do exílio do poeta confunde-se com o do eu lírico e sua terra. Essa terra que mesmo com todos os problemas e acomodando tantos males vive dentro dele e morre aos poucos junto com ele também, nessa relação dupla de sentimentos. O poeta testemunha sua dor pela impossibilidade de estar em sua pátria e vemos nele representado a figura do perseguido por políticas antidemocráticas. Desta forma, seu poema apresenta aquilo que é característico na literatura de *testimonio*: o sofrimento causado por perseguições políticas de governos antidemocráticos na América Latina.

Portanto, fica claro por tudo o que foi exposto até aqui que na obra de Hérib Campos Cervera podemos encontrar um forte teor testemunhal, dentro da perspectiva da literatura de *testimonio*. Pois sua obra nos ajuda a compreender um período específico na história do Paraguai onde a influência externa ao país acabava sufocando uma identidade – individual e coletiva – que buscava se afirmar em meio aos problemas.

REFERÊNCIAS

BEVERLEY, John; ACHÚGAR, Hugo (Ogs.) *La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidade y Verdad Narrativa*. 2ª Ed. Guatemala: Abrapalabra, 2002

BOSIO, Beatriz Gonzáles. La Masacre del 23 de Octubre. ABC, 2014. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-impres/suplementos/cultural/la-masacre-del-23-de-octubre-1296998.html>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CAMPOS CERVERA, Hérib. Ceniza Redimida. Assunção: El lector, 2006

_____. Poesías Completas y otros textos. Assunção: El Lector, 1996.

MARCO, Valéria de. A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, v.62, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000200004&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 15 mar. 2021.

NICKSON, Andrew. La Matanza de Puerto Pinasco. Paraguay mi Pais, 2013. Disponível em: <<https://www.paraguaymipais.com.ar/historia/la-matanza-de-puerto-pinasco/>>. Acesso em: 12 mar. 2021

ROCHE, Armando. Hérib Campos Cervera El Poeta Maldito. Buenos Aires: El Pez Del Pez, 2008.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Testemunho e a Política da Memória: O Tempo Depois das Catástrofes. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 30, dez. 2009. Disponível em: Acesso em: 10 mar. 2021.